

MADELINE HUNTER

*O DESEJO
DE LADY
CASSANDRA*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA ÁLVARES

ASA

CAPÍTULO 1

Agosto de 1798

— **A**cada minuto que passa, fico mais aliviada por ser um casamento pequeno – admitiu Emma.

Fitou o espelho enquanto a sua criada pessoal lhe colocava mais um adorno na coroa ouro velho.

— Eu, pelo contrário, a cada minuto que passa, gostaria que fosse maior – declarou Cassandra.

Acenou à criada que se afastasse e assumiu o arranjo do toucado. Forrado a seda branca e ornado com pérolas minúsculas e uma discreta pena branca, o adereço era vistoso, mas sem espalhafato, tal como convinha a uma noiva já de idade madura, e não acabada de cursar a sua primeira temporada.

A idade de Emma era uma das razões para a dimensão da cerimónia. As outras eram a localização no campo, a dispersão da alta sociedade por todo o reino em agosto e talvez um certo desejo da parte de Emma de não ser o centro de uma assembleia.

— Num casamento grande conseguimos evitar as pessoas que desejamos evitar sem sermos óbvias – notou Cassandra ao mesmo tempo que prendia dois ganchos. — Claro que você, sendo a noiva, não tem hipóteses de o fazer, mas os convidados sim.

Emma olhou para a amiga no espelho.

– Está à espera de ser ignorada por alguém? Foi por essa razão que só ontem veio da cidade?

– Por sinal, estava a pensar que provavelmente *eu* é que terei vontade de evitar alguns dos convidados – desabafou Cassandra com uma gargalhada. – Atrasei-me porque o meu irmão insistiu em fazer-me uma visita. É uma boa amiga, por se preocupar com a forma como a sociedade irá receber-me, mas inquieta-se em vão. Os parentes e os amigos do Southwaite nunca o insultariam, nem a si, dessa forma.

Desejou poder partilhar com Emma a razão real que a levava a atrasar a saída de Londres. A amiga tinha muito bom senso e poderia aconselhá-la sobre a melhor forma de lidar com as ameaças que Gerald, o irmão, conde de Barrowmore, tinha feito a respeito da tia Sophie. Há um ano, Emma teria com toda a probabilidade encontrado forma de lhe emprestar o dinheiro que, tão abruptamente, se tornara imprescindível para frustrar os planos nefastos de Gerald.

Contudo, seria egoísta da sua parte ensombrar o dia de casamento de uma amiga com histórias infelizes. Emma estava prestes a tornar-se a mais recente condessa de Southwaite e a liberdade que teria para ajudar uma amiga encontrava-se condicionada por deveres maiores. Assim como por um marido que não simpatizava por aí além com a dita amiga.

Emma voltou-se para trás. A expressão do rosto sugeria que pressentia o tumulto interior de Cassandra. Puxou a amiga para si e abraçou-a, encostando a cabeça ao seu corpo.

– Obrigada por ter vindo, mesmo mais tarde do que o planejado. Se não o tivesse feito, teria de me arranjar completamente sozinha, apenas com a criada, e sem ninguém com quem me rir para acalmar os nervos.

Cassandra fez-lhe uma festa na cabeça, deslizando a mão pelos caracóis que lhe caíam sobre os ombros. Emma tinha vinte e cinco anos, mais dois do que ela, mas, no que respeitava às coisas mundanas, não era raro Cassandra pensar nela como uma irmã mais nova. Saboreou o abraço, especialmente porque, caso não obtivesse

meios para colocar a tia Sophie a salvo de Gerald, não haveria muitos mais.

– É a minha melhor amiga, Emma, e que amiga excepcional.

Entre as qualidades mais notáveis de Emma constavam a capacidade de discordar sem censurar e de aceitar as escolhas das amigas sem exigir explicações.

– Não faltaria por nada neste mundo.

Pegou na bolsa dela, que tinha pousado em cima da cadeira.

– E agora, um pouco de cor nos lábios e nas maçãs do rosto.

– Sabe que não uso pinturas.

– É só um bocadinho, Emma. Só desta vez, para não ficar com esse ar de fantasma assustado.

Emma fez uma careta quando se espreitou no espelho.

– Estou um bocadinho pálida, não estou? Pareço mesmo um bocadinho assustada?

– Um bocadinho, é dizer pouco. Além do mais, sem razão nenhuma. Não é que a espere um grande mistério quando forem para o quarto. Ele tem-se comportado como um cavalheiro, esta semana, e mantido as distâncias, para não se dar o caso de sair da sua cama diretamente para a cerimónia?

Emma corou.

– Como é que adivinhou? Ele tem-se comportado com toda a discrição.

– Que desconsolo que não deve ter sido!

O rosto de Emma ficou escarlate. Olharam uma para a outra e desataram a rir-se.

– Deve ser para a deixar ansiosa pela primeira vez *oficial* – provocou Cassandra.

– Julgo que a presença das tias e da irmã lhe refreou os ânimos. Passou a ser o paradigma da virtude no dia em que elas chegaram.

– Isso é porque as tias são umas coscuvilheiras implacáveis. Provavelmente presumem que a única justificação possível para este casamento é a Emma estar grávida. Não me chocaria nada ficar a saber que se revezavam para montar vigilância, à noite, para o apanhar a esgueirar-se para o seu quarto.

– Hortense deve ter trazido um monóculo especificamente para esse propósito – gracejou Emma com um risinho. – Na verdade, é mais provável que Darius não quisesse escandalizar Lydia.

Cassandra aplicou um pouco de pintura e espalhou-a pela face de Emma até obter um *blush* ligeiro. O conde de Southwaite, com quem Emma, dentro de uma hora, estaria casada, tratava a irmã Lydia como uma colegial, embora esta tivesse vinte e dois anos. De forma a preservar a inocência dela, proibira-a de fazer amizade com Cassandra, uma das razões pelas quais esta não nutria particular apreço por ele.

Atendendo ao preconceito com que Southwaite a considerava, não esperara receber um convite para o casamento. Era óbvio que Emma levava a melhor. Apesar dos defeitos que tinha, ele amava-a desmesuradamente.

Restaria saber se daí a alguns meses continuaria a fazer a vontade à mulher, caso Cassandra ficasse em Inglaterra. Não acreditava que nem uma coisa nem outra viessem a verificar-se. Por esse facto, os preparativos que vivia com Emma tinham algo de enternecedor.

– Prontinha.

Afastou-se para Emma se olhar novamente ao espelho.

Embora esta não fosse de beleza excepcional, os seus olhos possuíam uma vivacidade cativante e a atenção que dedicava seduzia pela frontalidade. Naquele momento, concentrava-se profundamente no seu próprio reflexo.

– Está na hora e não adianta demorar-me mais tempo. Desce comigo, Cassandra? Se eu vacilar quando vir os convidados, por favor dê-me um beliscão e puxe por mim.

– O homem que ama está à sua espera. Quando as portas se abrirem, nada mais terá importância.

Não deixou, porém, de acompanhar Emma, para juntas enfrentarem o mundo que as aguardava pelo menos mais uma vez.

Bastava um homem olhar para Lady Cassandra Vernham para começar a imaginar coisas escandalosas. O facto de correrem rumores de que não era completamente inocente na arte do prazer não ajudava em nada a demover tais pensamentos quando estes se faziam presentes.

Ela estava parada ao lado de umas janelas altas que a chuva cobria de arabescos. Acabara de se escusar de uma conversa e dedicava-se a examinar os convidados, fazendo planos para a sua próxima investida social.

Os caracóis escuros elegantemente desordenados pareciam quase negros à luz diminuta. Os grandes olhos azuis faziam supor uma inocência que os lábios vermelhos e cheios se apressavam a contradizer. O vestido de cor creme vaporoso realçava-lhe demasiado bem a figura, enfatizando-lhe a exuberância feminina.

Não era a primeira vez que Yates Elliston, visconde Ambury e herdeiro do conde de Highburton, pensava que Cassandra Vernham era deliciosamente apetecível. As cores e os sons da sala esmoreciam enquanto a sua imaginação se perdia num banquete. A sua boca beijava e provava pernas torneadas e branquíssimas, ascendendo pelo corpo dela enquanto as suas mãos levantavam o vestido claro para revelar...

– Que audácia, ela ter vindo.

A fantasia agradável, que alcançara a curva de uma coxa extremamente sensual, evaporou-se. Yates voltou-se e deparou com o amigo, o visconde Kendale, a olhar na direção de Cassandra com ar furioso.

– A noiva convidou-a. São amigas muito próximas – disse Yates.

O barulho que enchia o pequeno salão voltou a fazer-se sentir, amplificando-se à sua volta como uma orquestra a afinar os instrumentos.

– Certamente sabe que Southwaite não gosta dela.

– Permitiu que fosse convidada para fazer a vontade a Emma – explicou Yates. – Se ele não se importa com a presença dela, por que razão se importa você?

– Pela simples razão de que não estou cego por amor, como ele. Vi a maneira como você olhava para ela ainda agora, por exemplo. Com todas as mulheres que tem à sua disposição, ansiosas por lhe fazer as vontades, pelo que posso constatar, não tem necessidade nenhuma de se fixar *naquela*.

Kendale aludia ao episódio em que, seis anos antes, Cassandra recusara casar-se com o barão Lakewood, um amigo comum, depois de este a ter comprometido. As reputações de ambos tinham sido fortemente abaladas por aquela atitude caprichosa. Pior ainda, no ano anterior, na primavera, Lakewood morrera num duelo convocado por causa de uma mulher. Ao que tudo indicava, essa mulher seria Cassandra, pois ele nunca deixara de a amar.

– Estava apenas a ponderar uns negócios que tenho de concluir com ela, e a planear como iria fazê-lo.

Era indesculpável, o quanto demorara a tratar daquele assunto, mesmo que os deveres familiares o justificassem, de alguma forma.

– Estava, estava... Conheço esse seu olhar. A não ser que... Não está a pensar recorrer à sedução para se vingar, pois não?

Não naquele momento, mas a desprezível ideia ocorrera-lhe mais do que uma vez ao longo dos anos, numa tentativa ignóbil de desencantar desculpas para fazer o que não devia ser feito. Cassandra Vernham nunca se casara. Um cavalheiro não devia aproveitar-se da inocência dela, mesmo quando os rumores mais recentes indicavam que ela já não a possuiria.

Pela expressão, Kendale não conseguia decidir-se se era contrário àquela ideia, o que queria dizer que apreciava o imbróglio. Normalmente, Kendale perfilhava noções rigorosas de honra, mas a suspeitosa independência de Cassandra colocava-a fora do alcance de qualquer rigidez de ideais.

– É um tipo diferente de negócio, o que devo concluir com ela. Muito menos apazível.

Do outro lado do salão, Cassandra afastou-se das janelas devagar. Com a graça e o autodomínio próprios da filha de um conde, juntou-se a uma pequena roda de convidados. No espaço de dois

minutos, encontrava-se no centro. Com a sua entrada no grupo, a conversa e os semblantes perderam a seriedade e a prudência e tornaram-se leves e animados.

– Que raio de maneira de Southwaite dar início ao casamento. Agora vai ser quase impossível forçar a mulher dele e aquela mulher a afastarem-se – disse Kendale.

Yates quase explicou o óbvio: que Southwaite estava demasiado apaixonado para recusar o que quer que fosse à sua jovem mulher. Apesar de ela não ter berço, casara-se com Miss Fairbourne, não casara? E, para a maioria dos convidados, isto era tão reprovável quanto a figura de Cassandra Vernham.

– Suponho que tenhamos de cumprir com o dever que nos foi confiado. – Kendale passou os dedos pelo cabelo escuro. – Que raio de situação.

– Ela está a aguentar-se sem a nossa ajuda.

– Prometemos à noiva.

– Pois que seja. Por sorte, vai estar de serviço só até ao copo-d'água. Depois, terei de o substituir. Parece-me que daqui a um quarto de hora estamos a trocar.

– E de que é que vou falar com ela? Perguntar-lhe se conhece os boatos mais recentes sobre si própria?

– E você conhece-os? Não fazia a mínima ideia de que seguia as crónicas sociais, Kendale.

– Não li nada nem ouvi nada. No entanto, sei qual seria o teor dos boatos. Tal como você.

Efetivamente, Yates sabia.

– Continuam a ser só rumores. Os homens continuam a não ter nome – declarou ele, pensando em voz alta, calculando, uma vez mais, as suas obrigações enquanto cavalheiro.

Não se importava de saber que grau de verdade aqueles rumores continham. Embora não tivesse sido completa, a desgraça dela havia sido suficiente para apelar à sua imaginação, o que a tornava uma amiga desadequada para a nova Lady Southwaite. Em princípio Southwaite iria tratar do problema nas semanas seguintes.

Cassandra, radiosa, era toda sorrisos quando deixou o grupo onde estava e se afastou, distribuindo cumprimentos por todos com quem se cruzava.

Kendale obrigou-se a fazer boa cara.

– Aqui vou eu. Quinze minutos, foi o que disse. Um segundo mais e substitui-me.

Cassandra rezava para que os criados chamassem os convivas para o copo-d'água. *Rápido.*

Até há dez minutos, gerira muito bem os quarenta convidados que se reuniam na sala. Mas depois a situação tornara-se incontrolável. Por razões que não conseguia descortinar, o visconde Kendale, um dos melhores amigos de Southwaite, não só procurara a sua companhia como também não arredava pé.

Ela circulava pela sala e ele seguia-a como uma sombra. Ela tentava incluir outros convidados na conversa e ele ficava a olhá-los por cima do ombro dela. Qualquer um que tivesse a generosidade de o agraciar com uma pergunta recebia uma resposta mínima. Dizer que a arte da conversação não era um forte de Lord Kendale seria uma forma generosa de descrever a sua falta de aptidão social.

Servira no exército, por isso seria de esperar mais dele. A maior parte dos oficiais eram muito afáveis. Supostamente, aqueles que não o eram evitavam a convivência social. O título que inesperadamente recebera por herança ditara a impossibilidade de continuar a esconder-se. Alguém o devia ter aconselhado a, em festas, procurar a companhia de uma mulher que lhe permitisse esconder a sua falta de jeito.

Ao que tudo indicava, naquele dia escolhera-a a ela.

Cassandra parou de tentar dialogar com outras pessoas, para bem de todos. Ela e Kendale encontravam-se junto às janelas, sentindo o silêncio esticar.

– Que tempo deplorável.

Era a terceira vez que ele comentava a pluviosidade. O rosto formoso não abandonou a neutralidade estoica enquanto os olhos verdes apreciavam os convivas.

– Felizmente, estamos numa casa ampla e confortável, e a intempérie não esmorecerá a celebração. – Se ele insistia naquele tópico, ela não se deixaria desanimar. – Além disso, a tempestade não deverá facilitar a chegada de espiões, de barco, à nossa costa, portanto o senhor e Southwaite não se verão obrigados a sair a correr em proteção do reino a meio da boda.

A expressão de Kendale endureceu. Viu-lhe frieza no olhar.

– Os esforços que fazemos para garantir que a costa está a salvo de visitantes indesejados são escassos e pouco reconhecidos, mas tampouco merecem o seu desdém.

– Não os desdenho, Lord Kendale. Aliás, sou uma das poucas pessoas que está suficientemente a par das vossas atividades para lhes dar o reconhecimento devido. A valentia que demonstrou na incursão que teve lugar no início do verão foi-me relatada. Além disso, eu nunca insultaria um homem por quem a minha querida amiga Emma nutre, reconhecidamente, tão alta consideração.

O olhar dele recaiu sobre o noivo e a noiva.

– Preferiria que Miss Fairbourne tivesse sido discreta quanto ao sucedido. Não deveria servir para alimentar boatos da boca de...

Deteve-se. Bebeu mais um gole de ponche.

De pessoas como você. Fora aquilo que ele começara a dizer antes de o bom senso o fazer parar. Aquilo ou, quiçá, algo pior.

Realmente, o homem era intragável. Ela ali a fazer-lhe o favor de o tolerar e ele quase tem o desplante de a insultar descaradamente.

– Receia que vá contar as suas façanhas aos meus amantes, Lord Kendale? Que venda o seu nome a um espião francês?

– Hoje em dia não há como saber se o francês é amigo de Inglaterra ou espião, se pensarmos bem no assunto.

– Então deixe-me tranquilizá-lo. As confidências da Emma nunca servirão para alimentar boatos da minha parte, para com

ninguém. Até as mulheres de reputação duvidosa têm as suas lealdades. A sua própria experiência com elementos do belo sexo já lho terá ensinado, não é verdade?

– Abstive-me de experiências com mulheres de reputação duvidosa. Atendendo às consequências que vi sofrerem outros homens, não lamento o que mais possa ter perdido em resultado disso.

– Que bom para si. Devo concluir, então, que é muito seletivo no seu relacionamento com mulheres, e sentir-me lisonjeada pela atenção que me dedica. Embora, por outro lado, me sinta tentada a perguntar-me se as suas experiências não se circunscreverão às mulheres da sua família ou do governo da sua casa.

Os olhos de Kendale estreitaram-se. Abriu a boca para responder. Uma mão veio pousar-lhe no ombro num gesto de bonomia, travando-o.

– Perdoem-me a interrupção, mas vocês os dois pareciam estar prestes a perder as estribeiras.

Tratava-se do visconde Ambury, que sorriu ao amigo, e depois a Cassandra.

– Se pretendem chegar a vias de facto, devíamos procurar a privacidade do terraço. Eu serei o árbitro, e que se dane a chuva.

Kendale ficou corado e o embaraço que sentiu só o deixou ainda mais irritado. Cassandra procurou Emma, para verificar se a pequena altercação tinha sido notada pela sua querida amiga, cujo dia de casamento ela não desejava de todo perturbar.

Tentou disfarçar a tensão constrangedora com um pouco de humor:

– Não me atrevo a menosprezar esta chuva, Lord Ambury. O meu vestido não sobreviveria a umas poucas gotas, quanto mais à tromba-d'água que cai agora.

Os impressionantes olhos azuis de Ambury examinaram-na dos pés à cabeça. O seu olhar demorou-se no ondear da seda creme que, diáfana e fina, fluía da cintura subida do vestido.

– É incontestável. Diria mesmo que esse vestido, molhado, ficaria colado a si como as túnicas das estátuas gregas. Fascinante,

sem qualquer sombra de dúvida, mas pouco próprio, talvez, para um casamento. – Voltou-se para o amigo, que se remetera, carrancudo, ao silêncio e sugeriu: – Kendale, talvez pudesse levar alguma coisa para beber a Lady Lydia. Tem ar de quem está mesmo a precisar de uma bebida.

Lord Kendale foi-se embora. Cassandra deu por si a desejar que ele não tivesse partido. Ambury era uma das pessoas que tentava evitar e agora tinha-o à sua frente, com um sorriso sarcástico que a deixou a pensar que não poderia vir coisa boa dali.

Cassandra não conhecia Kendale bem, mas o mesmo não se aplicava a Ambury. Durante uns bons anos, até ao último verão, as conversas entre os dois restringiam-se a cumprimentos fugazes. No entanto, durante os últimos meses, surgira um assunto de carácter particular, que exigia um maior número de palavras.

Quando ela vendera as suas joias, na primavera anterior, na Fairbourné's, a leiloeira, Ambury arrebatera as melhores peças, um par de brincos de safiras e diamantes. Desde então que adiava o pagamento.

A comunicação entre os dois sobre o assunto processava-se por escrito, com uma cordialidade artificial. Contudo, dois dias antes, tomada pelo pânico, depois da visita do irmão e de decidir ajudar a tia Sophie a fugir, redigira intempestivamente uma missiva repleta de exigências e acusações.

Com alguma sorte, ele ainda não a teria lido. Não que a reação dele alterasse em alguma coisa a verdade fundamental da história que ambos partilhavam, que era também a verdadeira razão do silêncio que presidia ao confronto entre os dois. Ambury detestava-a pelo papel que desempenhara na vida de um dos amigos dele.

O olhar e postura dele comunicavam o desdém esperado, mas também um inegável interesse masculino que a surpreendeu. A presença dele irradiava desafio e os seus olhos desafiavam-na a... a quê? A brincar com o fogo latente que se inquietava apesar de ambos saberem que era indesejável? Um pouco mais de calor, um pouco mais de audácia, e as atenções dele implicariam que ela

se renderia a um sorriso, e que seria recetiva a qualquer coisa que ele tivesse em mente.

– Obrigada por me ajudar a escapar – soprou. – Queria muito falar com Lady Hollenfield, mas não me atrevia a levar Lord Kendale comigo.

Rodou o corpo para lhe indicar que não seria necessário continuar a fazer-lhe companhia.

– Perdoe o Kendale. Estamos a trabalhar arduamente para lhe inculcar boas maneiras. Confio que daqui a um ou dois anos não causará mais do que três discussões em qualquer casamento em que esteja presente.

Ela riu-se levemente da graça dele. Para seu desalento, ele tomou aquilo como um convite para a acompanhar. Ela olhou-o de soslaio.

– Veio ontem da cidade, Ambury?

– Cheguei ontem, mas vim do Essex.

– Então já há algum tempo que não está na cidade?

– Continuo envolvido em assuntos familiares que me obrigam a ausentar-me da cidade durante muitas semanas, como expliquei nas minhas cartas.

Se ele não tinha estado na cidade, provavelmente não tinha visto a carta *dela*, na qual ela o acusava de usar a família como desculpa para evitar pagar-lhe o valor das joias.

– Vai voltar à cidade a seguir ao copo-d'água?

– Ainda tenho assuntos a tratar na propriedade da família. Espero, contudo, estar de regresso à cidade na segunda-feira.

Altura na qual leria a carta que o aguardava em casa há mais de uma semana. «Direto» seria uma palavra diplomática para caracterizar o tom da missiva.

Os músicos terminaram de tocar uma peça. A ausência de música abriu um súbito vazio.

– Vai tocar hoje? – indagou ela, buscando um tema mais seguro.

Todos sabiam que Ambury era um violinista soberbo. Era um talento inesperado para um homem de sociedade de quem se desconhecia qualquer tipo de ocupação produtiva.

– Raramente o faço em público.

– Nem sequer para o seu bom amigo e respetiva mulher?

– Já toquei para eles. Em privado.

– Deve ter sido muito romântico.

– Talvez. Não sei dizer.

– Vá lá, não me diga que nunca usou a sua música para exercer influência sobre as senhoras? Não tem reputação de resistir a tirar partido dos seus dotes nos jogos do amor.

– É assim que vamos passar o tempo? A comparar a reputação um do outro? Ou deverá a minha qualidade de cavalheiro constanger-me de contribuir para este tópico?

Que resposta despropositada! Concluindo que seria impossível manter uma conversa educada, Cassandra começou a encaminhar-se lentamente para Lady Hollenfield.

Ambury não a largou.

– Desconheço a razão pela qual Kendale veio sequer falar comigo – declarou ela quando se tornou claro que ele não a deixaria. – Não tem mais consideração por mim do que qualquer outro elemento do vosso círculo. Agora é a sua vez de se mostrar inusitadamente solícito. Não acredito que, com tantas mulheres presentes, não consiga encontrar uma companhia mais apelativa.

– Duvido que seja possível. É muito apelativa a imagem desse vestido, encharcado de chuva, que tomou conta da minha imaginação e lhe dá grande vantagem relativamente a todas as outras mulheres.

– Concentrar-se na história da mulher que o tem vestido deve ajudá-lo a ver-se rapidamente livre dessa imagem.

Ele franziu o sobrolho, como se tentasse seguir as instruções dela. Aqueles olhos azuis examinaram-na devagar. O escrutínio revelou-se tão minucioso que ela se sentiu nua quando ele se fixou, por fim, nos seus olhos. Abriu um sorriso malicioso e devastador.

– Infelizmente o seu conselho não veio ajudar. Agora o vestido encerra um corpo encantador e não há nada que possa ofuscar esse brilho.

– Não sou nenhuma colegial para me deixar hipnotizar pelos seus encantos, Ambury. Por muito audazes que sejam os seus comentários, a sua atenção não deixa de me intrigar.

Ele riu-se, mas os seus olhos contavam outra história. Ambury era capaz de mostrar o sorriso mais amistoso mesmo quando retalhava o interlocutor com a sua loquacidade letal. Inquietava-a que ele estivesse naquele momento a afiar as armas.

– A sua sagacidade ultrapassa-nos. A verdade é que Lady Southwaite nos pediu, a mim e ao Kendale, para não a deixarmos sem companhia, já que a maioria dos convidados pertence à família do marido. Não lhe diga que lho contei. Foi bem intencionado.

Era mesmo da Emma, combinar uma coisa daquelas. Malo-gradamente, a amiga não sabia que Kendale e Ambury eram as últimas pessoas daquela sala a quem devia destinar aquela missão.

Ela dedicou toda a sua atenção ao homem que se vira na obrigação de desempenhar tão indesejada tarefa. Belo de mais para seu próprio bem, e encantador ao ponto de se tornar uma ameaça à segurança feminina, Ambury atraía a atenção de todos quando entrava em qualquer lugar. Tal como era frequente neste tipo de homem, a maturidade tornava-o ainda mais apelativo.

Já devia ter passado dos trinta, mas o cabelo preto em nada o acusava. Os sulcos suaves que surgiam de ambos os lados da boca limitavam-se a chamar a atenção para a perfeição masculina daqueles lábios. O corpo esguio e forte em tudo se adequava à moda mais recente, que ele trajava com um desembaraço que transmitia simultaneamente extremo cuidado e confiante indiferença.

Os olhos azul-escuros e fundos fitavam-na de forma tão direta como ela o fitava a ele. Todos diziam que os olhos dele refletiam o seu bom humor, mas, naquele momento, a boa disposição demonstrada refletia aspetos que não eram minimamente favoráveis a Cassandra.